

“PEREGRINOS E ESTRANGEIROS”: UMA ANÁLISE BÍBLICO-EXEGÉTICA DE I PE 2.11-12 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

“PILGRIMS AND SOJOURNERS”: A BIBLICAL-EXEGETICAL ANALYSIS OF I PETER 2:11-12 AND ITS IMPLICATIONS FOR CHRISTIAN SPIRITUALITY

“PEREGRINOS Y EXTRANJEROS”: UN ANÁLISIS BÍBLICO-EXEGETICO DE 1 PEDRO 2:11-12 Y SUS IMPLICACIONES PARA LA ESPIRITUALIDAD CRISTIANA

Victor Breno Barrozo
Doutor em Ciências da Religião
UFPB
E-mail: victorbrenofb@gmail.com

Eziongiber Lima
Mestrando em Teologia
FABAPAR
E-mail: geberlima@yahoo.com.br

Recebido em: 20 de março de 2025
Publicado em: 28 de maio de 2026

RESUMO

As metáforas bíblicas do peregrino e do estrangeiro ocupam um lugar importante na espiritualidade cristã, tanto nas Escrituras, bem como na tradição protestante por toda a história. No contexto do Novo Testamento, o texto de I Pedro 2.11-12 tem valor seminal para uma teologia da peregrinação, como imagem da condição cristã no mundo – tanto para os primeiros leitores desta carta no cristianismo do primeiro século, como para a igreja contemporânea. A utilização metafórica tem suas raízes na identificação dos cristãos como povo escolhido de Deus, desde os patriarcas peregrinos. A utilização cuidadosa do texto da Septuaginta criou uma linha de continuação entre o Israel antigo e a Igreja de Cristo. Do estudo dessa faceta da identidade dos cristãos, surge naturalmente uma teologia bíblica da peregrinação, que desafia a Igreja de hoje, com implicações para a espiritualidade cristã na atualidade.

Palavras-chave: Estrangeiros; Peregrinos; Povo Escolhido; Espiritualidade.

ABSTRACT

The biblical metaphors of the pilgrim and the sojourner occupy an important place in Christian spirituality, both in Scripture and in the Protestant tradition throughout history. In the context of the New Testament, the text of I Peter 2:11-12 has seminal value for a theology of pilgrimage, as an image of the Christian condition in the world – both for the first readers of this letter in first-century Christianity, and for the contemporary church. The metaphorical use has its roots in the identification of Christians as God's chosen people, since the pilgrim patriarchs. Careful use of the Septuagint text created a line of continuation between ancient Israel and the Church of Christ. From the study of this facet of Christian identity, a biblical theology of pilgrimage naturally emerges, which challenges the Church of today, with implications for Christian spirituality today.

Keywords: Sojourners, Pilgrims, Chosen People, Spirituality

RESUMEN

Las metáforas bíblicas del peregrino y del extranjero ocupan un lugar importante en la espiritualidad cristiana, tanto en las Escrituras como en la tradición protestante a lo largo de la historia. En el contexto del Nuevo Testamento, el texto de 1 Pedro 2:11-12 tiene un valor seminal para una teología de la peregrinación, como imagen de la condición cristiana en el mundo —tanto para los primeros lectores de esta carta en el cristianismo del primer siglo, como para la iglesia contemporánea—. La utilización metafórica tiene sus raíces en la identificación de los cristianos como el pueblo escogido de Dios, desde los patriarcas peregrinos. La utilización cuidadosa del texto de la Septuaginta creó una línea de continuidad entre el antiguo Israel y la Iglesia de Cristo. Del estudio de esta faceta de la identidad de los cristianos surge, naturalmente, una teología bíblica de la peregrinación que desafía a la Iglesia de hoy, con implicaciones para la espiritualidad cristiana en la actualidad.

Palabras clave: Extranjeros; Peregrinos; Pueblo Escogido; Espiritualidad.

Introdução

O presente artigo pretende analisar a designação usada pelo autor para os crentes encontrada na perícopes de I Pe 2.11-12, tratando-se, de fato, de expressões raras no Novo Testamento: peregrinos e estrangeiros (*παροίκους καὶ παρεπιδήμους*/parοikous kai parepidemous). A compreensão cuidadosa destas palavras desafia a igreja da atualidade, uma vez que nesta epístola estes adjetivos parecem expressar a essência da identidade da igreja na sociedade. Ignorá-las seria incorrer no erro de expressar uma essência estranha ao pensamento bíblico de como deve ser a ação e procedimento da Igreja no mundo. O resgate do significado

destes vocábulos, desde suas ocorrências no Pentateuco, a partir do texto da Septuaginta, possibilita a elaboração de uma espécie de Teologia bíblica da peregrinação, considerando sua pertinente aplicação pelo autor da epístola à realidade da nascente igreja cristã. Faz-se necessário uma breve abordagem das ocorrências paralelas encontradas tanto da pena de Paulo, como também do escritor da Carta aos Hebreus, observando os contrastes e semelhanças entre os escritores neotestamentários.

“Peregrinos e estrangeiros” em I Pedro 2.11-12: aspectos literários e histórico-culturais

A expressão em análise encontra-se na perícopie de I Pe 2.11-12. A passagem é central e paradigmática pois “marca a transição de Pedro para o âmago do seu argumento e apresenta sua maior preocupação: que os cristãos vivam retamente entre os gentios”¹:

Amados, exorto-vos como a *peregrinos e estrangeiros* a vos absterdes dos desejos carnis, que combatem contra a alma. Seja correto o vosso procedimento entre os gentios, para que naquilo de que falam mal de vós, como se fôsseis praticantes do mal, ao observarem as vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação² (I Pe 2.11-12).

O aparato crítico não aponta variantes textuais significativas para o trecho da perícopie que está sendo analisada mais especificamente. O infinitivo ἀπέχεσθαι, significando abster aparece como imperativo ἀπέχεσθε (abstenham-se), em alguns manuscritos, entretanto o sentido permanece o mesmo³.

Na epístola, os dois termos já haviam sido utilizados anteriormente pelo escritor de forma separada. Na saudação inicial, os destinatários da epístola são chamados de *peregrinos*: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos *peregrinos (parepidemois)* da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia⁴ (I Pe 1.1).”

A forma de se referir aos destinatários é bem específica: *Aos eleitos peregrinos da Dispersão* (Diáspora). Goppelt observa que enquanto Paulo dirige-se aos destinatários de suas cartas enfocando a dimensão vertical, como em I Co 1.2 “aos santificados em Cristo Jesus,

¹ JOBES, Karen H. *I Pedro, Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 182.

² Ἀγαπητοί παρακαλῶ ὡς **παροίκους καὶ παρεπιδήμους** ἀπέχεσθαι τῶν σαρκικῶν ἐπιθυμιῶν αἵτινες στρατεύονται κατὰ τῆς ψυχῆς ¹² τὴν ἀναστροφὴν ὑμῶν ἐν τοῖς ἔθνεσιν ἔχοντες καλὴν ἵνα ἐν ᾧ καταλαοῦσιν ὑμῶν ὡς κακοποιῶν ἐκ τῶν καλῶν ἔργων ἐποπτεύοντες δοξάσωσιν τὸν Θεὸν ἐν ἡμέρᾳ ἐπισκοπῆς (N28).

³ SCHREINER, Thomas R. *1,2 Peter, Jude (The New American Commentary)*. Nashville: B&H Publishing, 2003. p. 120 n. 6.

⁴ Πέτρος ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ Ἐκλεκτοῖς **παρεπιδήμοις** Διασπορᾶς Πόντου Γαλατίας Καππαδοκίας Ἀσίας καὶ Βιθυνίας (N28).

chamados para serem santos”, I Pedro caracteriza-os na dimensão horizontal, à luz do relacionamento deles com o mundo ao seu redor⁵. Eles foram separados do mundo por eleição, mas vivem entre eles como estrangeiros cuja pátria não é aqui. Este é o tema da carta: Cristãos na sociedade! O procedimento e a forma de agir desta comunidade são moldados a partir do reconhecimento de si mesmos como povo eleito. Mas o comportamento dos cristãos deve ser de tal modo que até os caluniadores serão persuadidos de suas boas obras e glorificarão a Deus no dia da visitação (I Pe 2.12).

O termo *diasporá* (*diáspora*) remonta à Septuaginta e descreve ali a situação de exílio sofrida pelo povo de Deus disperso entre os povos estranhos. O local da dispersão é formado pelas cinco grandes províncias da Ásia Menor, onde moram os destinatários: Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Há de se ressaltar, contudo, que a carta não é direcionada aos judeus, ou judeus crentes, o que seria natural se o termo estivesse sendo utilizado de forma literal. Entretanto, o termo está sendo utilizado de forma simbólica, para expressar a ideia do povo de Deus disperso, independente de sua origem judaica.

A característica da existência de quem vive na Diáspora (*diasporá*) é *παρεπιδήμιοι* (*parepidemoi*)⁶. *Παρεπίδημος* (*parepidemos*) é derivado de *demos* (povo) e significa alguém que vive no estrangeiro como forasteiro⁷. Como estrangeiros não se espera que os *παρεπιδήμιοι* (*parepidemoi*) tenham os mesmos valores e costumes da cultura que os recebeu, e na qual vivem. Trata-se de uma palavra de pouco uso na língua grega⁸. A Septuaginta vai utilizá-la para traduzir o hebraico *תּוֹשָׁב* (*toshab*).

Wayne Gruden citando a Epístola de Arístéas 110, destaca que o verbo cognato é utilizado em um decreto do rei do Egito que determinava que visitantes não poderiam peregrinar (*parepidemeo*) por mais de vinte dias em Alexandria⁹... Portanto, peregrinos, de fato é a melhor tradução para *parepidemoi*. Além dessas duas ocorrências em I Pedro, *παρεπιδήμιοι* (*parepidemoi*), peregrinos, forasteiros só aparece mais uma vez na Epístola aos Hebreus 11.13, posteriormente analisaremos brevemente esta passagem.

Ainda no capítulo 1, versículo 17, o autor da carta fala da peregrinação, e vai utilizar *paroikia*: "E andai com temor, durante o tempo da vossa peregrinação (*paroikias*), se chamais

⁵ GOPPELT, Leonhard. *A Commentary on 1 Peter*. Grand Rapids: Wm B Eerdmans, 1993. p. 64.

⁶ KITTEL, Gerhard (Ed). *Theological Dictionary of the New Testament* (vol. 2). Grand Rapids: Eerdmans, 1964. p. 65.

⁷ VERBRUGGE, Verlyn D. *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 461.

⁸ KITTEL, 1964, p. 64.

⁹ GRUDEN, Wayne. *Comentário Bíblico de 1 Pedro*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 49 .

de Pai aquele que julga segundo as obras de cada um, sem discriminação de pessoas;¹⁰” (Almeida Século 21).

Πάροικος (*paroikos*) é um termo composto de *para* (ao lado) e *oikos* (casa), aquele que mora ao lado, estrangeiro, que não é cidadão local, que habita como estrangeiro, estrangeiro residente¹¹. Nos tempos do Novo Testamento, e especificamente na região para a qual foi destinada a carta, isto é, nas grandes províncias da Ásia Menor *paroikos* era uma designação social comum. Predominantemente foram chamados nos estados helênicos da Ásia Menor e do Oriente Próximo, a maioria das pessoas livres nativas que viviam no território de uma pólis em que não tinham direitos de cidadania com a *polis* em questão. Em seu estudo abordando aspectos sociais e econômicos da Ásia Menor na época do Novo Testamento, Arens detalha a realidade da população na região:

As cidades da Ásia Menor eram complexas quanto à população. Se se achavam em lugar de grande movimento comercial e eram pontos de confluência de muitos caminhos, ou centros administrativos importantes, contavam com alta porcentagem de estrangeiros. Era esse o caso de muitas cidades ao longo da costa ocidental da Ásia Menor. Se bem que legalmente considerados pelos nativos como *paroikoi* (equivalente aos *peregrini* dos romanos), muitos estrangeiros se estabeleceram nessas cidades adquirindo na prática carta de cidadania, pois formaram aí seu lar considerando a cidade como sua pátria e investindo provavelmente dinheiro em seu favor. O termo *paroikos* foi encontrada com relativa frequência em inscrições, o que sugere que se tratava de categoria social (e política) própria¹².

O vocábulo era usado de forma ampla naquela época para designar o período em que Israel esteve no exílio, ou para retratar a realidade da Diáspora, como é o caso dos judeus no Egito dos Ptolomeus, conforme a descrição do texto de III Macabeus 7.19: “Naquele lugar, em paz, com as adequadas ações de graças, estabeleceram igualmente e que esses dias seriam celebrados como festejos durante o tempo de sua *peregrinação* no país”.

Os tradutores do Antigo Testamento na Septuaginta verteram o hebraico גֵּר (gîr) e seus derivados por παροικίας, πάροικος, πάροικον. Lucas utiliza no sermão de Estêvão duas vezes essa palavra. Primeiro em At 7.6: “Pois Deus afirmou que a descendência dele seria “peregrina” πάροικον (*paroikon*,) em terra alheia e que a escravizariam e maltratariam por quatrocentos anos”. E depois em At 7.29: “Diante dessa palavra, Moisés fugiu e tornou-se πάροικος (*paroikos*) peregrino na terra de Midiã, onde gerou dois filhos”. As utilizações por Paulo e o escritor da Epístola aos Hebreus analisaremos mais adiante.

¹⁰ Καὶ εἰ Πατέρα ἐπικαλεῖσθε τὸν ἀπροσωπολήμπτος κρίνοντα κατὰ τὸ ἐκάστου ἔργον ἐν φόβῳ τὸν τῆς παροικίας ὑμῶν χρόνον ἀναστράφητε (N28).

¹¹ VERBRUGGE, 2018, p. 462.

¹² ARENS, Eduardo. *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 87.

A Bíblia Hebraica e a experiência da condição peregrina: os patriarcas e o povo de Osrael

Feldmeier chama atenção que I Pedro absorve as tradições veterotestamentárias numa densidade sem paralelos no Novo Testamento, unificando-as com o cristianismo primitivo criando um todo renovado. Somente na carta aos Hebreus e no Apocalipse encontra-se uma densidade comparável de citações e referências ao Antigo Testamento¹³.

Mais especificamente na passagem de I Pe 2.9-17, Wright ressalta os ecos claros do Antigo Testamento nas instruções de Pedro àqueles que ele compara aos exilados de Israel e explicitamente designa como herdeiros do título de ‘sacerdócio real’¹⁴.

Os patriarcas

As duas palavras (peregrinos e estrangeiros) juntas encontram-se em duas ocasiões no Antigo Testamento: Gn 23.4 e Sl 39.12. O eco das antigas tradições é muito claro, quando lemos a partir da Septuaginta o texto grego de Gênesis 23.4: “Πάροικος καὶ παρεπίδημος ἐγώ εἰμι μεθ’ ὑμῶν· δότε οὖν μοι κτήσιν τάφου μεθ’ ὑμῶν, καὶ θάψω τὸν νεκρὸν μου ἐκεῖ” (“Sou *estrangeiro e peregrino* entre vós; dai-me o direito de um lugar de sepultura entre vós, para que eu sepulte a minha falecida, deixando-a ali”).

As palavras utilizadas em I Pedro não foram escolhidas ao acaso, a alusão à autodesignação de Abraão como Πάροικος καὶ παρεπίδημος (*paroikos kai parepidemos*) estrangeiro e peregrino, é incontestável! Waltke ressalta que o uso das duas palavras juntas *estrangeiro e peregrino* trata-se de uma hendíade, isto é, uma figura de retórica na qual duas palavras ligadas por uma conjunção, expressam um só conceito¹⁵. Até porque, no uso comum, as duas palavras não eram sinônimas¹⁶. O significado da hendíade seria, portanto, “estrangeiro residente”, Abraão não possuía terra e nem o direito de comprar terra.

Nesta passagem, Sara havia morrido e Abraão precisou adquirir um terreno para sepultá-la. Dirigiu-se aos heteus que eram os donos da terra na qual ele habitava e propôs adquirir uma porção de terra, apresentando-se como estrangeiro e peregrino entre eles, isto é,

¹³ FELDMEIERS, Reinhard. *A Primeira Carta de Pedro, um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 35.

¹⁴ WRIGHT, Christopher J.H. *Povo, Terra e Deus*. São Paulo: ABU, 1991. p. 138-139.

¹⁵ WALTKE, Bruce K. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 392.

¹⁶ FRIEDRICH, Gerhard (Ed). *The Theological Dictionary of the New Testament (vol. 5)*. Grand Rapids, Eerdmans, 1968. p. 842.

um estrangeiro residente. Feldmeier propõe uma explicação para o fato porque uma expressão inicialmente vista como negativa ou depreciativa, e que normalmente seria empregada por terceiros, possa ser utilizada pelos próprios forasteiros como adjetivos que os caracterizam:

A existência seminômade dos patriarcas já podia ser concebida no Antigo Testamento como um ser-forasteiro devido à separação por Deus (Gn 17.8; 23.4; 28.4; 35.27; 36.7; 37.1). Na medida em que o ser forasteiro implicava, dessa forma e desde o início, uma relação especial com Deus, a designação jurídica e social negativa pode ter sofrido uma “reversão de pólos” religiosa, passando a ser interpretada positivamente como expressão para dependência permanente de Deus e necessidade de seu amparo. Essa é a razão que explica uma ocorrência rara, segundo a qual a categoria do ser-forasteiro, socialmente excludente, pela qual um grupo atesta a outro sua não-pertença, pôde vir a tornar-se inclusive, autodesignação do povo.¹⁷

Desde o início de seu relacionamento com Abraão, Deus o torna um ser peregrino: “E o Senhor disse a Abrão: *Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei*” (Gn 12.1). Este forasteiro é um eleito de Deus! Uma designação que à primeira vista é negativa, para os patriarcas seria uma característica distintiva especial. Observa-se, inclusive, na conversa com os heteus, que estes testemunham de seu vizinho estrangeiro: “Ouve-nos, senhor; tu és príncipe de Deus entre nós” (Gn 23.6).

Em suas peregrinações Abraão havia estado no Egito, e sua residência lá é descrita em hebraico como גֵר (gûr), *peregrinar, habitar por algum tempo*, que é traduzida na Septuaginta como παροικῆσαι (*paroikesai*): Havia fome naquela terra; por isso, Abraão desceu para o Egito, para viver ali por algum tempo, pois a fome na terra era grande (Gn 12.10). A LXX traz: Καὶ ἐγένετο λιμὸς ἐπὶ τῆς γῆς· καὶ κατέβη Ἀβρὰμ εἰς Αἴγυπτον **παροικῆσαι** ἐκεῖ, ὅτι ἐνίσχυσεν ὁ λιμὸς ἐπὶ τῆς γῆς.

A característica de forasteiro não seria apenas de Abraão e seus descendentes diretos, Isaque e Jacó. O próprio Deus ao fazer aliança com Abraão, informa-lhe que a peregrinação (*paroikia*) acompanharia sua semente: "Então o SENHOR disse a Abrão: Sabe com certeza que a tua descendência será *peregrina* (גֵר, *gêr*) em terra alheia; será reduzida à escravidão e oprimida por quatrocentos anos” (Gn 15.13). Lê-se na Septuaginta: καὶ ἐρρέθη πρὸς Ἀβρὰμ Γινώσκων γνώση ὅτι **πάροικον** ἔσται τὸ σπέρμα σου ἐν γῆ οὐκ ἰδίᾳ, καὶ κακώσουσιν αὐτὸ καὶ δουλώσουσιν αὐτοὺς καὶ ταπεινώσουσιν αὐτοὺς τετρακόσια ἔτη”. Por ocasião do cumprimento dessa palavra, os descendentes de Abraão prosperam e vivem em paz no Egito, como seu antepassado, porém, não se trata de morada fixa, apenas peregrinação (*paroikia*). Brueggemann ressalta que

¹⁷ FELDMEIERS, 2009, p. 57.

não importa quão próspero seja, Israel no Egito sabia muito bem que não se achava enraizado e nem podia ficar enraizado aí. O último desejo de Jacó é afirmar a linha da promessa e da terra: Não me enterres no Egito! Quando eu tiver dormido com meus pais, tu me levarás do Egito e me enterrarás no túmulo deles (Gn 47.29-30)¹⁸.

A mesma coisa se passa com José: “Estou para morrer, mas Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó. E José fez os israelitas jurarem, dizendo: Certamente Deus vos visitará e fareis transportar daqui os meus ossos” (Gn 50.24-25).

Peregrinos no Egito

Moisés confessa em Midiã: **πάροικός εἰμι** ἐν γῆ ἀλλοτρίᾳ (*paroikos eimi*): **peregrino sou** em terra estrangeira (Êx 2.22; 18.3). Similarmente todo o povo era estrangeiro residente no Egito¹⁹. No Novo Testamento este fato será lembrado e recontado na pregação de Estêvão (At 7.29): “Diante dessa palavra, Moisés fugiu e tornou-se peregrino (*paroikos*) na terra de Midiã” (ἔφυγεν δὲ Μωϋσῆς ἐν τῷ λόγῳ τούτῳ, καὶ ἐγένετο **πάροικος** ἐν γῆ Μαδιάμ); e no início do discurso de Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13.17): “O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais e exaltou o povo quando eram estrangeiros *παροικία* (*paroikia*) na terra do Egito, de onde os tirou com braço poderoso”²⁰.

Estrangeiros em sua própria terra, uma nova semântica

Curiosamente, o povo de Deus não deixa de ser estrangeiro e peregrino depois que entra na Terra Prometida. O status se mantém, agora por outro motivo: Não se venderão terras em definitivo, porque a terra é minha. Estais comigo como estrangeiros e peregrinos (Lv 25.23). A Septuaginta traduz: “Καὶ ἡ γῆ οὐ πραθήσεται εἰς βεβαίωσιν, ἐμὴ γὰρ ἐστὶν ἡ γῆ· διότι **προσήλυτοι καὶ πάροικοι** ὑμεῖς ἐστε ἐναντίον μου”. Aqui a Septuaginta utiliza *proselytoi kai paroikoi*, em vez de *parepidomoi kai paroikoi*. Iahweh é o dono da terra, e Israel é peregrino nela!

A identidade de povo estrangeiro e peregrino é reafirmada em sua própria terra, na terra que o Senhor lhes deu, a terra da promessa! Esse ensino parece ter sido entendido por Davi, que confirma a autodesignação do povo como estrangeiros e peregrinos: “SENHOR, ouve minha oração e inclina os ouvidos ao meu clamor! Não te cales diante das minhas

¹⁸ BRUEGGEMANN, Walter. *A Terra na Bíblia: Dom, promessa e desafio*. São Paulo: Paulinas, 1986. p.45.

¹⁹ FRIEDRICH, 1968, p. 846.

²⁰ FRIEDRICH, 1968, p. 851.

lágrimas, porque sou para contigo como um *estrangeiro* (*paroikos*), um *peregrino* (*parepidemos*) como todos os meus pais” (Sl 39.12). A Septuaginta traduziu desta forma o versículo do Salmo 39: “εἰσάκουσον τῆς προσευχῆς μου καὶ τῆς δεήσεώς μου, ἐνώτισαι τῶν δακρῦων μου. μὴ παρασιωπήσῃς· ὅτι **πάροικος** ἐγώ εἰμι ἐν τῇ γῆ καὶ **παρεπίδημος**, καθὼς πάντες οἱ πατέρες μου”.

Voltamos à *hendíade* com os mesmos vocábulos: estrangeiros e peregrinos (*paroikos kai parepidemos*). Na oração de Davi ao Senhor, o registro do cronista repete a autodesignação e reafirma a dependência de Deus: “Porque tudo vem de ti, e damos a ti do que é teu. Porque somos estrangeiros e peregrinos diante de ti, como foram todos os nossos pais” (I Cr 29.14-15). Este trecho é assim traduzido na Septuaginta: “ὅτι σὰ τὰ πάντα, καὶ τῶν σῶν δεδώκαμέν σοι. ὅτι **πάροικοί** ἐσμεν ἐναντίον σου, **καὶ κατοικοῦντες** ὡς πάντες οἱ πατέρες ἡμῶν”. A *hendíade* *paroikoi kai kaoikountes* também aponta para estrangeiro residente.

Afirmar-se peregrino em sua terra seria uma contradição, um paradoxo, uma incoerência. Sim, Israel não é mais estrangeiro residente diante dos povos que lhe circundam, como Abraão havia sido diante dos heteus, como Jacó diante dos egípcios, ou como na época de sua peregrinação no deserto. Abraão dependeu do favor dos heteus, Jacó da benevolência do Faraó, mas no deserto dependiam unicamente de Iahweh.

Na verdade, Iahweh estava agindo através dos senhores das terras, pois Ele é o Senhor de toda a terra (Sl 24.1)! Israel na terra da promessa não terá o status de estrangeiro diante dos moabitas, sírios, amonitas, filisteus, edomitas e fenícios. O salmista afirma: “porque sou para contigo como um estrangeiro (*paroikos*), um peregrino (*parepidemos*)” (Sl 39.12). A identidade peregrina é afirmada diante de Deus “para contigo”, não diante dos povos vizinhos.

E o cronista esclarece ainda mais a questão: “Porque tudo vem de ti, e damos a ti do que é teu. Porque somos estrangeiros e peregrinos diante de ti” (I Cr 29.15). Somos estrangeiros “diante de ti”. A identidade peregrina de Israel agora é caracterizada por sua dependência de Deus, o Senhor da terra. Há uma ampliação clara do sentido semântico do termo.

A possessão da terra é de Iahweh! Israel continua, mesmo na sua terra, forasteiro e dependente de Deus! Talvez tenha sido por ter esquecido desta verdade que o povo de Deus, insubmisso e independente de Deus, volta “de fato” à condição de estrangeiros e peregrinos,

no exílio babilônico. Uma das punições previstas pela desobediência do povo no livro de Deuteronômio, era o exílio:

E acontecerá que, assim como o Senhor tinha prazer em vos fazer o bem e multiplicar-vos, ele terá prazer em vos destruir e em vos consumir; e sereis desarraigados da terra na qual estais entrando para possuir. E o Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até a outra, e lá cultuareis outros deuses que não conhecestes, nem vós nem vossos pais, deuses de madeira e de pedra. Mas nem entre essas nações descansarás, nem a planta de teu pé terá repouso. Pelo contrário, nelas o Senhor te dará coração angustiado, olhos sem esperança e alma cheia de ansiedade (Dt 28.63-65).

Não mais estrangeiros, agora exilados!

O exílio não é uma peregrinação. O peregrino é um estrangeiro que tem orgulho de sua origem, de sua estrangeirice. O exilado é humilhado por sua própria condição de estranho em terra alheia. O eco da punição deuteronomica é bem claro nas Lamentações de Jeremias: “Judá foi para o cativo e sofrerá aflição e cruel servidão; ela vive sem descanso entre as nações; todos os seus perseguidores a alcançaram nas suas angústias” (Lam 1.3). É nesta condição de exilados e estrangeiros residentes, que Israel recebe uma ordem divina através do profeta Jeremias:

Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os que estão no exílio, aos quais deportei de Jerusalém para a Babilônia: Edificai casas e habitai nelas; plantai pomares e comei do seu fruto. Casai-vos com mulheres e gerai filhos e filhas; também tomai esposas para vossos filhos e dai vossas filhas em casamento para que tenham filhos e filhas. Multiplicai-vos ali e não venhais a diminuir. Empenhai-vos pela prosperidade da cidade, para onde vos exilei, e orai ao SENHOR em favor dela; porque a prosperidade dela será a vossa prosperidade (Jr 29.4-7).

Embora exilados, devem se empenhar pela prosperidade da cidade onde habitam. Sobre essa ordem divina, Brueggemann comenta:

O que parecera alienação é por agora um lugar de interação vinculadora. A sua própria palavra redefiniu um lugar para o Israel sem lugar. A segurança consiste em que os sem-terra não estão sem palavra... [Babilônia] é também lugar de vocação inaceitável e inesperada – os exilados procurando bem-estar para outros! Buscai somente justiça e retidão... e obtende o reino (Mt 6.33)... Exílio é onde Iahweh está com o seu povo²¹.

²¹ BRUEGGEMANN, 1986, p. 178.

Paralelos neotestamentários: o caso da Carta aos Hebreus e as epístolas paulinas

Paralelo na carta aos Hebreus

"Todos esses morreram mantendo a fé, sem ter recebido as promessas; mas tendo-as visto e acolhendo-as de longe, declararam *ser estrangeiros e peregrinos na terra.*" (Hb 11.13)²². O escritor aos Hebreus diferencia-se de Pedro por utilizar *ξένοι και παρεπίδημοί* (*xenoi kai parepidemoi*) em lugar de *paroikoi kai parepidemoi*. *Xenos* também é um vocábulo para estrangeiro. Na sua longa relação dos antepassados da fé, após relacionar os antediluvianos, Abel, Enoque e Noé, o escritor aos Hebreus demora-se nos patriarcas, inicialmente em Abraão e Sara:

Pela fé, Abraão obedeceu quando foi chamado, partindo para um lugar que receberia por herança; e partiu, sem saber para onde ia. Pela fé, *peregrinou na terra da promessa, como se fosse terra estrangeira, habitando em tendas com Isaque e Jacó*, herdeiros com ele da mesma promessa. Porque ele esperava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor. Pela fé, até a própria Sara, que era estéril e de idade avançada, recebeu o poder de conceber um filho, pois considerou fiel aquele que lhe havia feito a promessa. Portanto, também de um homem já sem vigor físico nasceu uma descendência tão numerosa quanto as estrelas do céu e incontável como a areia na praia do mar (Hb 11.8-12).

Após a menção da atividade peregrina dos patriarcas, o escritor aos Hebreus extrai uma lição que precisa ser aplicada aos destinatários da carta:

Todos esses morreram mantendo a fé, sem ter recebido as promessas; mas tendo-as visto e acolhendo-as de longe, *declararam ser estrangeiros e peregrinos na terra.* Os que dizem tais coisas mostram que estão buscando uma pátria. E, se estivessem se lembrando da pátria de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas agora almejam uma pátria melhor, isto é, a celestial. Por isso, também Deus não se envergonha deles, nem de ser chamado o seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade (Hb 11.13-16).

De fato, foram Abraão, Isaque e Jacó que viveram preeminente como “estrangeiros e peregrinos” sobre a terra em um sentido que é inaplicável a todos os israelitas das últimas gerações, depois do estabelecimento em Canaã, como pontuou o professor inglês F.F. Bruce²³. Há de se discordar de F.F. Bruce se for levado em conta que eles continuaram vendo a si mesmos como estrangeiros e peregrinos, embora estivessem em sua terra, como

²² Κατὰ πίστιν ἀπέθανον οὗτοι πάντες μὴ κομισάμενοι τὰς ἐπαγγελίας ἀλλὰ πόρρωθεν αὐτὰς ἰδόντες καὶ ἀσπασάμενοι καὶ ὁμολογήσαντες ὅτι **ξένοι καὶ παρεπίδημοί** εἰσιν ἐπὶ τῆς γῆς (N28).

²³ BRUCE, F.F. *La Epistola a los Hebreos*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1987. p. 307.

declarou Davi no Salmo 39.12 e em I Cr 29.15. Entretanto, o que pode ser percebido é que a *hendíade* aponta para um valor semântico além do literal!

O autor da epístola aos Hebreus leva os seus leitores a se identificarem com os pais estrangeiros e peregrinos. Talvez seja este o motivo que o levou a elaborar este catálogo de antigos homens de fé²⁴, que deve ter sido utilizado, em lugar de uma genealogia. Brueggemann afirma que os exilados citavam as genealogias, como forma de reafirmar sua pertença, estando em terras estranhas:

No exílio, Israel narrou histórias de raizame e de pertença. Ele recitou genealogias. Para os estranhos, essas genealogias parecem uma narração de pessoa tediosa, mas, para os de dentro, elas são um índice para localizar raizame. As genealogias são uma garantia de que Israel não se encontra à deriva no vazio desta geração, mas que tem segurança e credenciais. E desde que Israel possa dar nomes, proferir seus valiosos sons, ele possui um lugar de pertença, lugar que nenhum império inimigo pode recusar²⁵.

A extensa lista dos homens de fé do passado, trazia aos judeus crentes aos quais foi destinada a epístola aos Hebreus, seu lugar de pertença como *peregrinos e forasteiros*. Na sua exortação pela perseverança dos destinatários da Epístola, os antepassados são lembrados como peregrinos e forasteiros, que tiveram inclusive a possibilidade de desistir, mas não o fizeram, de deixar de ser peregrinos e tornarem-se novamente cidadãos de Ur, ou Harã, mas mantiveram-se firmes, pois almejavam uma melhor pátria: “...E, se estivessem se lembrando da pátria de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas agora almejam uma pátria melhor, isto é, a celestial” (Hb 11.15-16).

Paralelos nos escritos paulinos

Primeiramente, temos o paralelo vocabular, mas não semântico (Ef 2.19). Falando sobre a vida dos irmãos antes de serem alcançados pela graça do Senhor, Paulo descreve sua situação como separados da comunidade de Israel, sem Cristo, estranhos às alianças da promessa (Ef 2.12), em seguida, o apóstolo celebra a mudança de status e de situação destes: “Assim, não sois mais estrangeiros, nem imigrantes ξένοι καὶ πάροικοι (*xenoi kai paroikoi*); pelo contrário, sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2.19).

Paulo usa a expressão estrangeiros e peregrinos (*xenoi kai paroikoi*) mas da forma inversa como a encontramos em Hebreus e I Pedro: Antes de ser povo da aliança, de integrar o povo escolhido de Deus, os gentios eram estrangeiros e peregrinos, alheios às promessas da

²⁴ GUTHRIE, Donald. *Hebreus, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 214.

²⁵ BRUEGGEMANN, 1986, p. 205.

aliança, agora são concidadãos e membros da mesma família (de Deus). Pode-se afirmar que trata-se de um paralelo vocabular, mas não semântico. Aqui não há a identificação do povo de Deus como peregrinos e forasteiros, como temos visto nos textos analisados, o significado portanto é distinto!

Em segundo lugar, temos o paralelo semântico, mas não vocabular (Fp 3.20-21). Talvez o maior paralelo desta ideia do povo de Deus como estrangeiro residente seja encontrado numa passagem cuja interpretação é bastante disputada, Fp 3.20-21: “**Mas a nossa pátria está no céu**, de onde também aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o corpo da nossa humilhação, para ser semelhante ao corpo da sua glória, pelo seu poder eficaz de sujeitar a si todas as coisas²⁶”

A nossa pátria *πολίτευμα* (*politeuma*) está no céu. *Politeuma* é uma palavra encontrada unicamente neste texto, e mais em nenhuma outra parte do Novo Testamento. A exegese desta perícopa passa necessariamente pela questão de Filipos ser uma colônia romana, e a questão de cidadania ser algo de grande importância para seus moradores. Lembrando que foi em Filipos que a questão da cidadania romana de Paulo e Silas foi apresentada após o mesmo ter sido chicoteado e preso sem julgamento (At 16.20-39). “Visto ser Filipos uma colônia romana, sua *politeuma*, o registro de seus cidadãos era mantido em Roma, a cidade-mãe (em grego *metropolis*)”²⁷.

O termo *politeuma* foi usado em conexão com as grandes cidades, como Alexandria e Selêucia, para denotar comunidades autossuficientes e autônomas de não-cidadãos, especialmente de judeus, que formavam uma cidade dentro de uma cidade. As sinagogas e sínédrios judeus eram espécies de *politeumata* em algumas cidades. O ponto principal da metáfora em Filipenses é que os cristãos não são cidadãos, mas estrangeiros residentes nas cidades do mundo, e a sua colônia tem regras especiais²⁸. Tem havido concordância quanto a esse entendimento, no meio acadêmico, conforme Lüteriz, que confirma o uso técnico de *politeuma* para denominar grupos de pessoas com várias formas de organização²⁹.

²⁶ Ἡμῶν γὰρ τὸ πολίτευμα ἐν οὐρανοῖς ὑπάρχει ἐξ οὗ καὶ Σωτῆρα ἀπεκδεχόμεθα Κύριον Ἰησοῦν Χριστόν ²¹ ὃς μετασχηματίζει τὸ σῶμα τῆς ταπεινώσεως ἡμῶν σύμμορφον τῷ σώματι τῆς δόξης αὐτοῦ κατὰ τὴν ἐνέργειαν τοῦ δύνασθαι αὐτὸν καὶ ὑποτάξει αὐτῷ τὰ πάντα (N28).

²⁷ BRUCE, F.F. *Filipenses, Novo Comentário Bíblico Contemporâneo*. Flórida: Vida, 1992. p. 143

²⁸ SHERWIN-WHITE, A.N. *Roman Society and Roman Law in the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1963. p. 184-185.

²⁹ LÜDERITZ, Gert. “*Whats is the Politeuma?*” in *Studies in Early Jewish Epigraphy* (ed. Pieter W. van der Horst e Jan Willem van Henten). Leiden: E.J. Brill, 1994, 183-224.

A expressão inicial da perícopé pode ser parafraseada da seguinte forma: “temos nosso lar no céu, e aqui na terra somos uma colônia de cidadãos do céu”³⁰. Como súditos romanos, os cristãos de Filipos deviam fidelidade à distante cidade de Roma, a capital. Ao mesmo tempo, eles tinham outro rei, Jesus. “Portanto, na terra eles eram *forasteiros residentes, vivendo num país estrangeiro*, mas com sua capital e pátria [*politeuma*] em outra parte”³¹.

O paralelo, portanto, é nítido entra a Primeira Epístola de Pedro e a perícopé da Carta aos Hebreus. Ressalte-se que ambos os textos tratam da conduta e procedimento dos cristãos: O contexto da perícopé em Filipenses também é de como devem proceder os cristãos “...tenhamos esse mesmo modo de pensar... prossigamos na medida da perfeição que já atingimos. Irmãos sede meus imitadores e prestai atenção nos que andam conforme o exemplo que tendes em nós...” (Fp 3.15-17). Em I Pe 2.11 encontra-se o início do cerne do corpo da carta que aborda a questão de como o povo de Deus deve viver uma vida santa. Em Hebreus, o trecho onde encontramos a *hendíade* trata da conduta de perseverança dos pais patriarcas, que precisa ser imitada: “E, se estivessem se lembrando da pátria de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas agora almejam uma pátria melhor, isto é, a celestial” (Hb 11.15-16).

Goppelt percebeu a conexão entre os textos paralelos analisados e suas diferenças, ressaltando que Pedro não fez uma reflexão explícita sobre o Lar, como no registro paulino de Fp 3.20-21, mas que há uma herança reservada nos céus (I Pe 1.4), e que é garantida por Deus (Hb 11)³².

Perspectivas e propostas hermenêuticas em I Pedro

Em 1981, foi publicado “*A Home for the Homeless*”, uma exegese sociológica de I Pedro, proposta pelo professor John H. Elliott, da Universidade de San Francisco. O livro foi editado no Brasil em 1985, sob o título “Um Lar para quem não tem casa”. Em sua interpretação Elliott vê “a relação entre os crentes e os não crentes como de alienação e hostilidade. Os primeiros estão sendo rebaixados e ofendidos pelos últimos como inferiores,

³⁰ MARTIN, Ralph P. *Filipenses, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 162

³¹ VERBRUGGE, 2018, p. 507.

³² GOPPELT, 1993, p. 67.

‘estranhos’ e ‘forasteiros’³³. Os destinatários da carta eram “literalmente estrangeiros e residentes *reais* que tinham se tornado cristãos”³⁴. Os *paroikoi* seriam uma classe de estranhos residentes, considerados como nascidos no estrangeiro, ainda que de fato nascidos na cidade, eram excluídos de ofícios sacerdotais bem como do direito de votar e do privilégio da posse da terra. Eram o povo campesino que juntamente com os escravos e os artesãos constituíam a base da classe trabalhadora do império romano³⁵.

De fato, a designação *paroikoi* constituía uma categoria social, englobando os estrangeiros, sem direitos plenos de cidadania, como já foi citado por ocasião da conceituação do vocábulo e do esclarecimento de seu uso comum, principalmente entre a sociedade da Ásia Menor. Em sua resenha crítica do livro de Elliott, Achtemeier³⁶ aponta a existência de problemas com as afirmações centrais do livro, dentre as quais o fato de que em algumas passagens da LXX, *paroikos* é de fato um termo religioso-simbólico, evidência que Elliott simplesmente descarta como irrelevante. No fundo, a questão defendida por Elliott tem a ver com o possível uso metafórico de *paroikos*: poderia tal termo ser usado metaforicamente para descrever o status social dos convertidos? Elliott acha isso impossível!

Karen Jobes não manifestou concordância com Elliott, entretanto propôs algo parecido, postulando que os destinatários eram de fato um grupo de deportados de Roma ou de colonos estrangeiros, e que no primeiro século era assim que estrangeiros e peregrinos (*paroikoi kai parepidemoi*) eram entendidos, isto é literalmente, portanto esta designação apontava para seu status sócio-político. Entretanto, Pedro usou a situação sócio-histórica de seus leitores para explicar sua situação espiritual, assim eles são tratados como forasteiros, não com respeito à sociedade deles, mas como escolhidos por Deus. E em I Pe 2.11 a situação sociopolítica dos leitores é utilizada para explorar o viver cristão de maneira generalizada. Assim, no contexto cristão, houve uma mudança semântica, reforçando a referência metafórica à vida cristã como jornada rumo ao céu³⁷.

Segundo Horrell as conclusões de Elliott não suportam o escrutínio crítico. A descrição dos destinatários como estrangeiros e peregrinos (*paroikoi kai parepidemoi*) não podem servir como uma indicação de seu status sócio-econômico. Ele concorda que em I Pedro a expressão “*paroikous kai paredemous*” funciona como *hendíade* assim como Waltke

³³ ELLIOTT, John H. *Um Lar para quem não tem casa, Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 97.

³⁴ ELLIOTT, 1985, p. 122.

³⁵ ELLIOTT, 1985, p. 68.

³⁶ ACHTEMEIER, P. J. (1984). *Review of A Home for the Homeless: A Sociological Exegesis of 1 Peter, Its Situation and Strategy*, by J. H. Elliott. *Journal of Biblical Literature*, 103(1), 130–133.

³⁷ JOBES, 2022, p. 24-45.

entendeu o par vocabular na narrativa patriarcal de Abraão. Horrell advoga a decisiva influência da Septuaginta na linguagem do autor³⁸.

Para Schreiner a interpretação literalista é uma leitura improvável da evidência. O par de termos em I Pe 2.11 ecoa Gn 23.4 e Sl 39.12... ambas as palavras (estrangeiros e peregrinos) são usados em um sentido espiritual e não devem ser entendidas literalmente³⁹. São peregrinos porque são eleitos por Deus e sua cidadania está no céu em vez de na terra. Também ressalta que não é necessário tentar distinguir os termos estrangeiros e peregrinos. Pedro pretendia que lêssemos juntos para dizer que crentes são estrangeiros e peregrinos neste mundo⁴⁰. Feldmeier também posiciona-se pela interpretação metafórica e teológica pois a

[...] invocação de forasteiros, que a [carta de] 1 Pe compartilha com Hb 11.13, é seu clímax escatológico: os cristãos são 'forasteiros' porque foram renascidos... eles têm agora um futuro que aponta para além deste mundo passageiro... a existência de forasteiros tem como fundamento, em última análise, a existência escatológica dos crentes.⁴¹”

A identidade dos primeiros cristãos como estrangeiros residentes

A interpretação teológica e metafórica pode ser confirmada como a alternativa correta para interpretação do texto, pois foi assim que a Igreja pós-bíblica entendeu a ideia de estrangeiros residentes (*paroikoi*). “Os membros da igreja dos primeiros três séculos d.C., vivendo no Império Romano pagão e muitas vezes hostil, definiam-se como estrangeiros residentes (*paroikoi*)”⁴².

A segunda carta de Clemente (século II) refere-se à existência do cristão neste mundo como uma estada em um país estrangeiro: “Portanto, irmãos, tendo deixado nossa peregrinação *παρουκίαν* (*paroikian*) neste mundo, façamos a vontade daquele que nos chamou, e não tenhamos medo de partir deste mundo” (II Clem 5.1). O uso é semelhante ao encontrado em I Pe 1.17... Nos primeiros séculos *paroikia* indicava um estado do povo de Deus, ou da comunidade do Novo Testamento, ou a situação de cada membro desta *ekklesia*, e conseqüentemente a existência desta *ekklesia* como a de uma *paroikia*⁴³.

³⁸ HORRELL, David G. “*Aliens and Strangers? The Socioeconomic Location of the Addressees of 1 Peter*” in *Engaging Economics: New Testament Scenarios and Early Christian Reception* (ed. Bruce W. Longenecker e Kelly D. Liebengood). Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2009, 176–202.

³⁹ SCHREINER, 2003, p. 39-40.

⁴⁰ SCHREINER, 2003, p. 119-120.

⁴¹ FELDMEIERS, 2009, p. 129.

⁴² GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia, Luz para as nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 23

⁴³ FRIEDRICH, 1968, p. 853.

Tornar-se cristão, mediante o batismo, que refletia a conversão, significava a inclusão noutra cultura “implicava mudança de vida e de religião que provocava ruptura com a cidade e isolava o cristão de seu meio e de sua família, se ela permanecesse pagã. Fosse qual fosse a convicção profunda... o batismo transformava sua vida familiar, profissional e social”⁴⁴.

Mas estes cristãos em ruptura com a sociedade na qual viviam, não imitaram o movimento sectário de Qumran. Não foram para o deserto, não construíram muros de separação com o mundo. A Regra da Comunidade que estabelecia a forma de vida dos seus integrantes preceitua (1 QS 8.12): “E quando estes de tornarem membros da Comunidade de Israel, dentro de todas estas regras, separar-se-ão da morada dos homens sem Deus e retirar-se-ão para o deserto a fim de preparar seu caminho...”⁴⁵.

Os primeiros cristãos não pensaram em distanciar-se. Eram estrangeiros sim, residentes: *paroikoi*. Hamman ainda esclarece: “Confessar-se cristão era declarar-se indigno da boa sociedade e pôr-se em conflito com o meio. Não bastava considerar abstratamente essa situação; era necessário experimentá-la, realizar seu aprendizado e vive-la por dentro...”⁴⁶.

A Epístola a Diogneto é um texto de autor desconhecido, datado do início do século II, entendido como pertencente aos Pais Apologistas. O capítulo 5 é bem esclarecedor no que diz respeito à identidade e posicionamento dos cristãos:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e a especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em casa gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira⁴⁷.

Meechan comentando a Epístola a Diogneto afirma que a palavra para forasteiros utilizada na epístola *πάροικοι* (*paroikoi*) é familiar como uma descrição metafórica do status dos cristãos no mundo⁴⁸. A forma de proceder desses forasteiros, estrangeiros residentes, peregrinos, dessa comunidade com cultura própria e senso claro de identificação como povo,

⁴⁴ HAMMAN, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 187.

⁴⁵ VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Mercuryo, 1994. p. 85.

⁴⁶ HAMMAN, 1997, p. 189.

⁴⁷ Padres Apologistas. *Carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antioquia, Hermias, o filósofo*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 22.

⁴⁸ MEECHAN, Henry G. *The Epistle to Diognetus*. Manchester: Manchester University Press, 1949. p. 109.

como *paroikoi*, causava admiração, assombro e estranheza à sociedade romana. Michael Goheen apresenta os contrastes que tanto intrigavam e chamavam a atenção dos pagãos:

A vida moral exemplar de cristãos comuns se destacava diante da imoralidade desenfreada de Roma. A esperança, a alegria e a confiança dos cristãos resplandeciam claramente em meio ao desespero, à ansiedade e à incerteza que caracterizavam um império que se desintegrava. A unidade cristã contrastava com a fragmentação e o pluralismo de Roma. Cristãos demonstravam castidade, fidelidade conjugal e domínio próprio em meio a um império decadente e saturado de sexo⁴⁹.

Nos séculos III e IV tornou-se costume referir-se à igreja local como *paroikia*, em latim: *peregrinatio*. Em cada lugar onde era plantada uma igreja, surgia uma *paroikia*, em português ‘paróquia’, em inglês ‘parish’, em holandês ‘parochie’ e em alemão ‘Pfarrer’. Em sua História Eclesiástica, Eusébio menciona uma carta das paróquias na Gália, sobre as quais Irineu presidiu (τῶν κατὰ Γαλλίαν παροικιῶν ἄς Εἰρηναῖος ἐπεσκόπει). Embora *παροικία* usualmente signifique a diocese de um bispo, neste caso, *παροικίαι* (*paroikiai*) denota vários grupos separados, dispersos, de uma grande igreja⁵⁰.

As metáforas dos “peregrinos e estrangeiros” na tradição cristã

Para o teólogo anglicano Alister McGrath, as metáforas do *peregrino e do estrangeiro* tem ocupado um lugar central na história da espiritualidade cristã. De acordo com ele:

Uma das imagens mais impressionantes da vida cristã é o da jornada ou peregrinação. Na verdade, o Novo Testamento registra que os cristãos primitivos inicialmente denominaram a si mesmos "os do Caminho" (v., e.g., Atos 9.2; 24.14). Assim como Deus tirara o povo de Israel da escravidão do Egito para a terra prometida, a vida cristã pode ser entendida como um lento processo de libertação da escravidão do pecado antes da entrada triunfal na cidade celestial⁵¹.

No período da Patrística, por volta do século IV, Agostinho de Hipona ao comentar o Salmo 55, escreveu que “Todo homem é peregrino nesta vida”. Agostinho não escrevia em grego, expressava-se em latim: “*Omnis homo in hac vita peregrinus est*”⁵². Na Reforma Protestante do século XVI, o ex-monge agostiniano Martinho Lutero afirmou no seu comentário ao texto de Hebreus 11.13 o seguinte:

⁴⁹ GOHEEN, 2014, p. 24.

⁵⁰ HARNACK, Adolf. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*. New York: Harper & Brothers, 1962. p. 454.

⁵¹ MCGRATH, Alister. *Uma introdução à espiritualidade cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2008. p. 163-164.

⁵² *Obras de San Agustin XX* (BAC, Biblioteca de Autores Cristianos). Madrid: Editorial Catolica, 1965. p. 376.

devemos encarar esta vida como um estrangeiro e um peregrino encaram a terra na qual são forasteiros e visitantes. Um estrangeiro não pode dizer: esta é a minha terra natal, pois não nasceu naquele país. Um peregrino não pensa em ficar na terra por onde peregrina, tampouco, na hospedaria onde está pernoitando, mas, seu coração e pensamentos estão voltados para outra direção. Na hospedaria, ele apenas descansa e faz as refeições e, então, prossegue viagem a seu lar. Por isso, também vocês devem considerar-se visitantes e estrangeiros nesta terra ou hospedaria estranha, da qual vocês não tomam outra coisa senão comida, bebida, roupa, calçado e o que precisam para passar a noite. Mas o pensamento estará voltado exclusivamente para a terra natal, onde está a cidade de vocês. Convém ter isso sempre em mente. Devemos deixar de lado essa ideia de edificar para nós mesmos uma vida eterna neste mundo; lutando e apegando-nos a isso como se fosse o nosso maior tesouro e reino dos céus, como se quiséssemos aproveitar-nos de Cristo, o Senhor, e do evangelho para esta vida, adquirindo riquezas ou poder por meio dele. Ao contrário, já que temos de viver neste mundo tanto tempo quanto Deus quiser, devemos, também, comer, beber, namorar, plantar, construir, ter casa e lar e tudo o mais que Deus dá, ter e usar tudo isso como estrangeiros e peregrinos numa terra estranha, como pessoas que estão conscientes de que têm de deixar tudo isso para trás e seguir viagem, deixando a terra estranha e a hospedaria ruim e insegura, e rumando para a pátria verdadeira, onde tudo é certeza, paz, descanso e alegria eterna⁵³.

No século XVII, encontramos o importante livro “O Peregrino” do pastor puritano inglês John Bunyan, que é um marco da literatura espiritual deste período. Nele, Bunyan conta a história do personagem Cristão e sua caminhada da “cidade da destruição” para a “cidade celestial”, numa jornada marcada por uma série de dificuldades e tentações. Outra referência encontra-se em Jonathan Edwards, pastor e teólogo americano do século XVIII, que, em seu sermão “O peregrino cristão”, escreveu:

Não devemos confiar no mundo e seus prazeres, mas desejar o céu [...] Devemos desejar, acima de tudo, a felicidade celestial; estar com Deus; e desfrutar a presença de Jesus Cristo. Apesar de estarmos em meio a prazeres exteriores e pertencermos a famílias com amigos e relacionamentos agradáveis; apesar de termos companhias cuja presença é prazerosa e filhos em quem percebemos muitas qualidades promissoras; apesar de vivermos junto a vizinhos bons e sermos queridos pelos conhecidos; contudo, não podemos confiar nessas coisas como nosso destino [...] Precisamos adquirir, desfrutar e utilizar todas elas, sem nenhuma outra intenção, a não ser a de abandoná-las rapidamente sempre que exortados a isso e substituí-las voluntária e alegremente pelo céu⁵⁴.

O pregador batista inglês Charles Spurgeon no século XIX, no seu livro “Caminhando com o Peregrino”, retoma a obra de John Bunyan e aprofunda algumas reflexões a partir dele, buscando aplicações práticas para os cristãos da sua época. Já no século XX, em 1933, o escritor e apologista irlandês C.S. Lewis, no seu primeiro livro após sua conversão à fé cristã, utiliza-se da mesma metáfora ao publicar o seu “O regresso do peregrino” – também alusivo, como releitura, da obra de Bunyan.

⁵³ LUTERO, Martinho. *Estrangeiros e peregrinos*. Portal Luteranos, 01/01/1983. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/estrangeiros-e-peregrinos> acesso em 17 jun. 24.

⁵⁴ MCGRATH, 2008, p. 165.

Na erudição teológica pentecostal, alguns biblistas também ofereceram sua contribuição para a compreensão da passagem em questão. O teólogo canadense Roger Stronstad destaca que, na perícopes que estamos analisando, Pedro demonstra uma preocupação pastoral, lembrando ao seu público que “são cidadãos de um reino divino, celestial, e não terreno (1.1; 2.9)”. Decorrente dessa afirmação, Pedro agora conclama absterem-se das concupiscências carnis e viverem uma vida santa⁵⁵. Para o teólogo estadunidense Craig Keener,

aqui a imagem é do povo de Deus (2.4-10) disperso entre as nações; o povo de Deus no Antigo Testamento às vezes é retratado em tais termos (Lv 25.23), por causa de sua mortalidade (1 Cr 29.15; SI 39.12), por causa do zelo por Deus (SI 69.8; cf. 119.19) ou por causa de suas andanças (Gn 23.4; 47.9)⁵⁶.

Ainda, para outro teólogo norte-americano, Stanley Horton, o versículo indica que a figura petrina tem por sentido levar os leitores a se compreenderem como “imigrantes com ‘direitos’ terrenos limitados, cujo lar verdadeiro é ao lado de Cristo, nos céus”⁵⁷.

Estas referências tópicas das metáforas do peregrino e do estrangeiro apontam para os diversos usos e sentidos pelos quais a espiritualidade cristã ao longo da história se valeu para descrever a existência cristã no mundo. Por vezes, tal imagem foi tomada a partir de uma perspectiva radicalmente ascética e escapista, num tipo de negação da vida diante da cultura. Por outro lado, estas figuras possuíram um potencial de resgatar a compreensão bíblica de uma presença fiel e relevante do cristão na sociedade. De uma forma em geral, a teologia bíblica pode-se prestar a tarefa de reativar através da exegese as metáforas teológicas chaves das Escrituras para a inspiração contemporânea da caminhada do povo de Deus no presente.

Considerações finais

A partir da passagem de I Pe 2.11-12, e dos demais textos e dados trazidos para exame e consideração, é possível a proposição de uma teologia bíblica da peregrinação para hoje! Uma proposta que efetivamente não cabe na exegese de Elliott e que é claramente rejeitada por ele: “apresentamos várias razões para rejeitar a teoria convencional... segundo a

⁵⁵ ARRINGTON, French; STRONDSTAD, Roger (orgs.). *Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 1708.

⁵⁶ KEENER, Craig. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004. p. 735.

⁵⁷ HORTON, Stanley. *1 e 2 Pedro: a razão da nossa esperança*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 34 .

qual essas passagens e seus termos específicos seriam expressão de uma ‘teologia do peregrino’⁵⁸.

Abraão como estrangeiro e forasteiro na terra (Gn 23.4) é um tipo de todos os santos, cuja existência depende das provisões graciosas de Deus, e indica sua peregrinação terrena em direção à cidade de Deus⁵⁹. F.F. Bruce observou que “os cristãos [primitivos] se modelaram tanto pelos patriarcas que a terminologia da peregrinação veio a fazer parte de sua linguagem habitual, e sobreviveu muito depois que sua força original houvera desaparecido”⁶⁰.

A descrição de estrangeiros residentes e forasteiros põe os leitores de Pedro em linha de continuidade com a nação de Israel, cujo povo começou sua história como estrangeiros residentes no Egito e viveu a maior parte dela como estrangeiros residentes e forasteiros no Exílio⁶¹. Este entendimento traz diretrizes importantes sobre a atual peregrinação do povo escolhido. Tais como o que se extrai da vida de outros estrangeiros residentes, como os peregrinos e estrangeiros Abraão, Moisés, Daniel, Neemias e Ester. O fato de serem forasteiros não lhes impediu de que tivessem uma atuação eficaz na economia, política, seja do Egito, da Babilônia, ou da Pérsia.

É importante lembrar da exortação de Jeremias de que os exilados na Babilônia procurassem a paz (*shalom*) da cidade (Jr 29.7), pode-se perceber neste desafio a “missão real do povo sacerdotal de Deus, de existir para ser o veículo da bênção de Deus, do *shalom* de Deus, para os de fora, ainda que sejam os opressores”⁶². Muito diferente da postura dos sectários de Qumran.

Os textos neotestamentários que trazem a ideia do “estrangeiro residente” estão sempre num contexto de desafios de fé e de procedimento do cristão. Percebe-se que apontam para o discipulado. O discípulo é um peregrino, Jesus é seu Mestre e Senhor, seus valores e referenciais não estão neste mundo, e sua consciência do porvir refletem o caráter escatológico do povo de Deus.

Essa compreensão dos cristãos como não tendo mais suas raízes neste mundo, estando nele temporariamente tem sido assumido pela igreja ao longo da história do cristianismo, sendo expresso, por exemplo, nos hinos e na poesia cristã⁶³. Esta característica do cristão como estrangeiro residente, deve ter inspirado John Bunyam a escrever “O

⁵⁸ ELLIOTT, 1985, p. 119.

⁵⁹ WALTKE, 2019, p. 397-398.

⁶⁰ BRUCE, 1987, p. 300, n. 82.

⁶¹ JOBES, 2022, p. 184.

⁶² WRIGTH, 1991, p. 138.

⁶³ MUELLER, Ênio R. *1 Pedro, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 65.

Peregrino”, e muitos outros compositores a escrever canções que tornaram-se clássicos cristãos como *Wayfaring Stranger* (composto na primeira metade do século XIX), com uma versão no Brasil intitulada “Eu sou um pobre peregrino”, e tantas outras que integram a hinódia das igrejas.

Mais recentemente, na tradição do pentecostalismo assembleiano brasileiro, encontram-se igualmente essas metáforas em algumas canções do hinário oficial das ADs, a Harpa Cristã. De autoria da missionária sueca Frida Vingren, o hino 361 diz: “Peregrino segue para a glória/Pois no céu em breve entrarás!/ Ouves já os cantos de vitória?/ Tua voz também lá unirás”. Em uma outra música, o pastor Paulo Leivas Macalão, no hino 204, afirmou sobre a condição cristã: “Sou peregrino na terra/ e longe estou do meu lar/ Minh’alma anelante espera/ que Cristo a venha buscar/ Aqui só há descrença/ as lutas não tem fim/ Mas de Jesus a presença/ Glória será para mim!/ No céu de luz vou descansar/ com meu Jesus hei de morar”.

Os cristãos não eram forasteiros apenas na época de Pedro, de Paulo, ou de Clemente, ou de Agostinho, ou de Bunyam. Esta é a identidade dos seguidores de Jesus Cristo, independentemente de sua condição social, política e econômica: peregrinos e estrangeiros. E esta identidade norteia o seu procedimento no mundo, impedindo que os crentes sejam confundidos e percam de vista sua verdadeira pátria! Mueller registra que “talvez fosse bom para quem faz uso do termo paróquia, a lembrança do que isso significava originalmente”⁶⁴.

Independente do fato, de a comunidade se autodenominar paróquia, ou não, como povo escolhido de Deus, como filhos de Abraão pela fé, sua identidade teológica é “estrangeira e peregrina” *πάροικος καὶ παρεπίδημος* (*paroikos kai parepidemos*), isto é, estrangeira residente! Para Goheen o principal sentido de *paroikoi* é o de uma tensão redentora entre a igreja e seu contexto cultural. Desde os primeiros séculos os cristãos compreendiam-se diferentes de outros em sua cultura, e viviam juntos como uma comunidade alternativa nutrida por uma história alternativa, a história da Bíblia⁶⁵. Wayne Meeks detalha a tensão perceptível no texto de I Pedro, a qual pode perfeitamente ser aplicada aos cristãos em qualquer momento da história:

Mais uma vez vemos aqui a tensão, que muitas vezes observamos nas exortações dos primeiros cristãos, entre o sentido de aguda separação da vida anterior do convertido e a sociedade mais ampla da cidade por um lado e, por outro lado, a

⁶⁴ MUELLER, 1991, p. 106.

⁶⁵ GOHEEN, 2014, p. 23.

aceitação tácita dos valores morais praticados por aquela sociedade, esperando-se que, finalmente ela reconheça o “excelente procedimento moral” dos cristãos. Assim, embora os destinatários da carta devam pensar de si mesmos como “estrangeiros e peregrinos” porque são o único povo de Deus no mundo, não obstante isso eles devem “submeter-se a toda instituição humana”, a começar do imperador e dos governadores provinciais (2.13-17). Eles devem manter a boa ordem da família através da submissão respeitosa das esposas para com os maridos e dos escravos para com os senhores (2.18-3.7) e, em geral, comportar-se de tal maneira que todos verão que eles são inocentes de más ações. Entretanto, se eles sofrem, estarão seguindo o modelo de Cristo, que também sofreu injustamente (3.13-23)⁶⁶.

Na teologia da peregrinação está explicitada a tensão constante, em todas as épocas, dos cristãos entre alienação (estrangeiros) e pertença (residentes)! Ignorar este imperativo significa abrir mão da identificação como povo da aliança, como povo de Deus, e consequentemente deixar de exercer a missão para a qual foi destinado. Fazer pender um dos polos como mais importante pode ser sinônimo de isolamento estéril (alienação), ou diluição da identidade cristã no afã da identificação com o mundo (residentes)!

Referências

- ACHTEMEIER, P. J. (1984). *Review of A Home for the Homeless: A Sociological Exegesis of 1 Peter, Its Situation and Strategy, by J. H. Elliott*. *Journal of Biblical Literature*, 103(1), 130–133.
- ARENS, Eduardo. *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ARRINGTON, French; STRONDSTAD, Roger (orgs.). *Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA Século 21, 3ª Edição. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 1075
- BÍBLIA SAGRADA, 12ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 1321.
- BRUCE, F.F. *Filipenses, Novo Comentário Bíblico Contemporâneo*. Flórida: Vida, 1992.
- BRUCE, F.F. *La Epistola a los Hebreos*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1987.
- BRUEGGEMANN, Walter. *A Terra na Bíblia: Dom, promessa e desafio*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- ELLIOTT, John H. *Um Lar para quem não tem casa, Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁶⁶ MEEKS, Wayne A. *As origens da moralidade cristã: Os dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 95.

- FELDMEIERS, Reinhard. *A Primeira Carta de Pedro, um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- FRIEDRICH, Gerhard (Ed). *The Theological Dictionary of the New Testament* (vol. 5). Grand Rapids, Eerdmans, 1968.
- GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia, Luz para as nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- GOPPELT, Leonhard. *A Commentary on 1 Peter*. Grand Rapids: Wm B Eerdmans, 1993.
- GRUDEN, Wayne. *Comentário Bíblico de 1 Pedro*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- GUTHRIE, Donald. *Hebreus, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- HAMMAN, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HARNACK, Adolf. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*. New York: Harper & Brothers, 1962.
- HORRELL, David G. “*Aliens and Strangers? The Socioeconomic Location of the Addressees of 1 Peter*” in *Engaging Economics: New Testament Scenarios and Early Christian Reception* (ed. Bruce W. Longenecker e Kelly D. Liebengood). Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, 2009, 176–202.
- HORTON, Stanley. *1 e 2 Pedro: a razão da nossa esperança*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- JOBES, Karen H. *1 Pedro, Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- KEENER, Craig. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004.
- KITTEL, Gerhard (Ed). *Theological Dictionary of the New Testament* (vol. 2). Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
- LÜDERITZ, Gert. “*Whats is the Politeuma?*” in *Studies in Early Jewish Epigraphy* (ed. Pieter W. van der Horst e Jan Willem van Henten). Leiden: E.J. Brill, 1994, 183-224.
- LUTERO, Martinho. *Estrangeiros e peregrinos*. Portal Luteranos, 01/01/1983. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/estrangeiros-e-peregrinos> acesso em 17 jun. 24
- MARTIN, Ralph P. *Filipenses, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MCGRATH, Alister. *Uma introdução à espiritualidade cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- MEECHAN, Henry G. *The Epistle to Diognetus*. Manchester: Manchester University Press, 1949.
- MEEKS, Wayne A. *As origens da moralidade cristã: Os dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MUELLER, Ênio R. *1 Pedro, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE Nestle-Aland, 28ª Edição (N28). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 890.

OBRAS DE SAN AGUSTIN XX (BAC, Biblioteca de Autores Cristianos). Madrid: Editorial Católica, 1965, p. 1010

PADRES APOLOGISTAS: Carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antioquia, Hermias, o filósofo. São Paulo: Paulus, 1995, p. 320

SCHREINER, Thomas R. *1,2 Peter, Jude (The New American Commentary)*. Nashville: B&H Publishing, 2003.

SEPTUAGINTA, 2ª Edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 2240.

SHERWIN-WHITE, A.N. *Roman Society and Roman Law in the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1963.

VERBRUGGE, Verlyn D. *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Mercuryo, 1994.

WALTKE, Bruce K. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

WRIGHT, Christopher J.H. *Povo, Terra e Deus*. São Paulo: ABU, 1991.